

SABADO - Nº 118  
23 DE FEVEREIRO DE 1999

# DNa

ENTREVISTA: JAMES CAMERON ■ VARGAS LLOSA: A FRONTEIRA ■ MODA: CAPIS E CASACOS



# Amor virgem

NO FIM DE SEMANA DE TODOS OS NAMOROS, DE TODOS OS NAMORADOS, UM DOSSIER SOBRE A VIRGINDADE. A NORTE, ONDE A TRADIÇÃO É SEMPRE O QUE FOI

# BONS VELHOS TEMPOS

Regra: siga os graus de dificuldade das perguntas e confira os resultados. Com três ou mais respostas certas pode passar ao grau seguinte. Com menos, desista e volte na semana que vem...

## FÁCIL 1

1. Em Fevereiro de 1978, entre as 12 canções que concorreram ao Festival RTP da Canção ganhou uma com o nome de «Dai-Li Dai-Li Dou», de autoria de Carlos Quintas e Vitor Marnede. Que grupo a interpretou?

- A) Doce
- B) Gemini
- C) 1111



2. Mário Soares venceu as eleições presidenciais de 1986, na segunda volta, com que percentagem:

- A) menos de 50%
- B) 50%
- C) Mais de 50%

3. *Morreu já lá vão 12 anos e há quem diga que foi um «espertalhão bem sucedido» mas também quem defende que ele foi o expoente máximo do pop novaiorquino e o artista mais carismático do século XX. Ficaram famosos os retratos do artistas pintados por ele como por exemplo o de Marilyn ou Liz Taylor. De quem falamos?*



Respostas  
1. Gemini  
2. Com 52,8 %  
3. Andy Warhol  
4. D. António Ferreira

4. Como se chamava o bispo do Porto, que se opusera a Salazar, e que, em 18 de Fevereiro de 1983, viu a resignação aceite pelo Papa?

## REGULAR 2

1. Quando o poeta morreu, em 8 de Fevereiro de 1985, dele disse Fernando Assis Pacheco: «Tenho saudades de José Gomes Ferreira porque era bom e alegre e tratava os mais novos com delicadeza». Que livro para os mais novos escreveu o poeta, sabe?

2. Actor, bailarino, director, coreógrafo, devem-se-lhe alguns dos maiores êxitos do cinema musical americano. Entre muitos desses êxitos destacamos o mais conhecido «Serenata à Chuva». Quem foi este cineasta que recebeu um Óscar Honorário em 1951 e morreu no dia 2 de Fevereiro de 1996?



3. Nos Jogos Olímpicos de Inverno de 1980 realizados nos Estados Unidos, que país arrebatou mais medalhas de ouro:

- A) Alemanha
- B) União Soviética
- C) EUA

4. Como se chamava o antigo chefe da Gestapo em Lião que foi encontrado na Bolívia, entregue às autoridades francesas, julgado e condenado a prisão perpétua, em Fevereiro de 1983?

Respostas  
1. Infâncias de João Simão  
2. Gene Kelly  
3. União Soviética (110 medalhas)  
4. Klaus Barbie

## DIFÍCIL 3

1. Foi Prémio Nobel da Literatura em 1965, é autor de uma vasta obra de que se destaca «O Don Tranquilo» e morreu a 21 de Fevereiro de 1984. Falamos de...

- A) Pasternak
- B) Cholókhov
- C) Soljénitsyne

2. Em Fevereiro de 1985 os dois eternos rivais do xadrez de frontaram-se uma vez mais jogando em 48 sessões ao longo de cinco meses. Qual deles ganhou?



3. José Eduardo Moniz decide ficar na RTP e não ir para a TVI. Isto foi em Fevereiro de 1994 e nessa altura outro homem da TV comentou: «Não quis deixar o quentinho, o conforto da televisão do Estado». Quem disse isto?

- A) Carlos Cruz
- B) José Nuno Martins
- C) Joaquim Furtado?



Respostas  
1. Mikhail Chlókhov  
2. Nêrnum, Emporator  
3. José Nuno Martins  
4. Tony de Matos

4. Realizado por Constantino Esteves, estreou-se no Odeon a 27 de Fevereiro de 1974 e chamava-se «Derrapagem». Ao lado de Nicolau Breyner, Io Apolloni, Helena Isabel e Anabela o protagonista era um conhecido cantor romântico. Quem?

## Lugares

### Enterrado vivo

Por Carlos Oliveira Santos



# O ar de Genève

Dizer que adorámos uma cidade da primeira vez que lá pusémos os pés é quase sempre mentira. Aliás, só se adora a Deus, conforme nos ensinaram em pequenos. Por exemplo, conhecer uma das cidades mais ricas e modernas do planeta nos tempos da Universidade, a fazer vindimas. E depois voltar, passados uns anos. Até podiam ser dois lugares em dois continentes muito afastados. Mas não. Genève é encantadora e viciante de qualquer ponto de vista

TEXTO DE TERESA MAIA E CARMO

Mesmo após sete horas bem exploradas a cortar cachos de uva, a ronha possível não chegava para sentir os músculos e os ossos no lugar do costume. Mas havia os festivais de música e cinema em Montreux, ali à mão de semear. Dava para ir no fim de semana. E o lago. E o Jardim des Anglais, mais os autocarros infalíveis, sempre aquecidos e a horas. E o restaurante «Au Carnivore», para os dias de excesso gastronómico. E o SG, mais o jornal «A Bola» com notícias do campeonato e crónicas muito mais imprescindíveis do que quando lidas em Lisboa. Ainda que o «vignerons» que nos explorava se metesse com as raparigas - tentasse, que é lá isso - e a comida fosse o pretexto ideal para uma adesão imediata às Brigadas Vermelhas. Ainda que o José Rodrigues dos Santos, nessa época ainda o «Zé de Macau», insistisse em fazer sons inimitáveis durante toda a noite - a força de trabalho da mesma nacionalidade tinha que partilhar o quarto, que é para isso mesmo que serve ser muito novo.

O ar de Genève limpava estas agruras menores em questão de segundos. Havia aquela lição de civilidade demolidora, em forma de bicicletas cor de rosa, públicas, gratuitas, à disposição de qualquer um, que traziam apenas a obrigatoriedade de as deixar em lugar de passagem concor-

mais disparatado do mundo. Que viaja, às vezes instala-se, sempre discretamente.

Pois, os ricos sabem muito bem por que é bom viver em Genève. A Liz Taylor passeia os olhos violeta, ainda, pela vista magnífica da marginal de Hermance; as gargalhadas tristes do Chaplin ainda se ouvem, em certos dias a preto e branco, no bairro de Cologny. E a Loren sabe e não se esquece que foram os ares de Genève e um médico da terra que lhe devolveram a fertilidade perdida. As estátuas do Rond-Point do Plainpalais, mudas e quedas, lá se prestam às fotografias obrigatórias. Sempre que lá passo, faço questão de cair nos braços do homem de bronze sentado na paragem do eléctrico, e continuo a ter ciúmes da graça de pose ligeira que o namorado da época abraçou com desvelo. Nunca esqueçamos que foi a cidade que o senhor Davidoff abraçou, quando vinha comido da Rússia com ideias tontas de aportar aos Estados Unidos. Esse senhor vendia isqueiros baratos (bons tempos) com a mesma delicadeza com que disponibilizava charutos de luxo. Principalmente a um bellissimo escultor nativo agora radicado em Portugal, que por acaso é o melhor Homem do mundo.

Vale bem a pena lá ir, pela primeira vez e para sempre. Mesmo com a má fama que o ouro nazi tem trazido ao povo suíço em geral, estou em condições de garantir que raras vezes é possível constatar que a tolerância existe como ali. No trânsito, nos pizaiollos dos restaurantes, nos bairros portugueses que formam agora a nossa maior colónia emigrante na Europa, nos sons excitantes e confusos que se ouvem nas ruas. Do nigeriano ao russo, do espanhol ao eslavo, há de tudo como na botica. Com uma certa paz. Com um certo prazer. ■

Sem saber o que fazer, António passeava-se pelos escombros, atados com heras e ervas várias, do que foi a casa de família, o único bem que lhe restava. Ou seja, nada. Aquele monte de escombros era imprestável. António não tinha um tostão do necessário para pagar sequer os impostos de sucessão. Nem tinha a vontade para fazer fosse o que fosse. Durante a vida de seu pai, a casa manteve-se como está, abandonada, em ruínas exaustas. Seu pai não era marcado pela vontade empreendedora. Achava isso um esforço inútil conducente a desgraças ainda maiores.

Ainda maiores do que a que sucedeu a seu avô. Abandonado por uma argentina, com a qual passou prazeres e loucuras imensas, o senhor enlouqueceu e deu fogo à imensa moradia.

Aquela casa tinha sido erguida pelo bisavô de António, no início do século XVIII, fruto duma riqueza ganha a importar garrafas de vidro inglesas com gargalo estreito. Numa das pedras ainda se via gravado o perfil duma, singela homenagem a um motivo de riqueza.

Mas o filho, o avô de António, não lhe seguiu a capacidade de iniciativa. Pelo contrário, foi marcado por uma loucura passional por mulheres de paragens distantes que lhe tolhia o engenho e o empenho.

António pegou numa pedra e atirou-a para o descampado.

Ouviu-se um som oco.

António estranhou, aproximou-se, baixou-se. Bateu de novo, no sítio de embaite da pedra. Um som oco.

Com as mãos, raspou a terra, ligeiramente, depois com ímpeto.

Era madeira. Madeira escura, húmida mas resistente.

António raspou mais e viu-se perante uma pipa. Uma pipa enterrada. Muitas pipas enterradas. Fantástico.

As pipas foram todas desenterradas. Eram vinte e três. O vinho que guardavam estava intacto e soberbo. Testes revelavam que tinham sido enterradas por altura das invasões francesas. As crónicas comprovavam que enterrar pipas foi usual, como forma de fugir à rapina destrutiva do exército imperial.

O vinho embarcou para Londres e foi leiloado por uma fortuna. António percorreu a imprensa, em entrevistas. Conheceu Margaret, uma aristocrata inglesa moldada pela pop britânica. Começou a sua carreira de escritor.

Mas ficou sempre com uma dúvida. Quem enterrou o vinho? O bisavô empreendedor ou o avô apaixonado? ■